

O Circo da Minha Vida

12

Eu me lembro apenas de que era verão — talvez janeiro — e de que ainda não tinha sequer chegado à pré-adolescência, devendo andar aí pelos dez ou onze anos; já tinha deixado os brinquedos e aprendera a jogar baralho com os primos mais velhos. Estava passando as férias na casa de meus tios, naquela cidadezinha do interior paulista, com nome de índio, e que era para mim, na idade em que estava, o melhor lugar do mundo.

Não sei o que me levava a gostar tanto de lá, uma vez que ainda não ia às *brincadeiras dançantes* e aos bailes mas, por outro lado, não tinha mais idade para brincar na rua. Talvez fossem o ambiente bucólico e as histórias de assombração contadas por um velho peão, as plantações e morros ao longe, os amigos, crianças e adolescentes da cidade, que fui conhecendo nas seguidas férias que lá passei: Edmo, Cidinha, Sueli, Nenê, Zé Roberto, Joãozinho, Lourdinha, Lígia...

Pouco havia para fazer na cidade a quem estava, como eu, entre a infância e a adolescência, mas já começava a olhar para as meninas como um mundo interessante a ser descoberto. Assim, o dia-a-dia na cidade se resumia a idas à sorveteria, ao único cinema, onde eram exibidos filmes com um ano ou mais de atraso, a um passeio pelas ruas, às caminhadas pelas plantações que rodeavam a cidade, cafezais em meio aos quais majestosas bananeiras eram um convite à molecada, ou ao *footing* à noite. Nada de televisão, que ainda não havia chegado por lá... tudo muito prosaico, mas eu adorava.

Foi quando chegou o circo! A cidade ficava tanto tempo sem novidades que o prefeito foi pessoalmente receber a *troupe* e apresentar as boas-vindas. Como em qualquer lugar do mundo, havia garotos que se ofereciam para realizar serviços em troca de um ingresso, embora os preços fossem bem acessíveis e no primeiro sábado, noite da estreia, ficamos sabendo o porquê: a arquibancada consistia em pranchas de madeira sobre cavaletes, os de trás mais altos, o picadeiro era pequeno e sem enfeites, a banda formada às pressas até com músicos da cidade, as roupas dos artistas já bastante usadas e, se prestássemos bastante atenção, talvez enxergássemos alguns remendos. Olhando para o alto, onde sequer havia o famoso trapézio, um luxo para um circo tão pobrezinho, era possível ver a lua e as estrelas através dos buracos da lona.

12

Todos nós ríamos com as trapalhadas dos palhaços Pituca e Pernilongo, da gorda palhaça Astrogilda, admirávamos o sapateado do galã, Mr. Jerry, que também fazia mágicas incríveis e era o mocinho na peça de teatro que encerrava a sessão, vibrávamos com o faquir hindu que engolia fogo e espadas, roíamos as unhas com a coragem do domador — que mantinha sob seu controle tigres e leões velhos e reumáticos — aplaudíamos a amazona de meia idade que fazia acrobacias sobre um lindo cavalo branco, arregalávamos os olhos com a habilidade do malabarista chinês, achávamos encantador o número dos cachorrinhos amestrados e prometíamos a nós mesmos que iríamos repetir na rua as manobras radicais do casal de ciclistas.

O circo ficou na cidade por duas semanas, com funções de quarta a domingo, lotando nos fins de semana e recebendo um público bem menor nos demais dias.

Estive presente a várias sessões, sempre com um ou dois amigos. Por fim, quando os lugares vazios da plateia passaram a ficar mais numerosos que os ocupados, a lona foi baixada e numa bela manhã restou apenas a tristeza de ver aquela encantadora gente com quem convivemos por vários dias arrumando as tralhas, embarcando nos trailers e indo embora. Por fim, só ficou mesmo um terreno vazio, sem vida, mas cheio de recordações, e lá se foi o circo mambembe, levando toda a sua alegria simples e espontânea para outras cidades e deixando em nós, criançada, a vontade de fugir e ir embora com ele, partindo ao encontro de um mundo desconhecido, repleto de aventuras e de magia.

Hoje, quando recordo esses momentos que parecem vividos apenas dentro de um sonho, sinto como teria sido maravilhoso se minha vida fosse como o circo pobre que durante duas semanas encantou aquelas férias de minha infância: simples, sem pompa e sem riqueza, mas cheia de sonhos, capaz de levar alegria a quem procurasse um motivo para sorrir, uma vida sem rumo traçado, hoje aqui, amanhã ali, enfim, sem um plano pré-estabelecido, trilhando caminhos desconhecidos, sem ter ideia de onde iria chegar e sem sequer imaginar o que estaria à espera depois da próxima curva da estrada.

Talvez fosse mais fácil ser feliz assim.

Carlos Napoleão